

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Localizado no coração do Plano Piloto, o Sesi Lab produz conhecimento, inovação e experiências, contribuindo para a construção de um novo futuro para a capital federal. Desde que foi criado, em 2022, recebeu mais de 691 mil pessoas

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O mundo precisa de pessoas capazes de conectar áreas diferentes e transformar ideias em soluções reais. Brasília tem uma vocação única para isso, pois é uma cidade que nasceu de um sonho coletivo. Aproveitem esse legado e construam novas possibilidades a partir dele"

Cláudia Ramalho,
superintendente de
Cultura do Sesi

Memória que se **converte** em futuro

» LETÍCIA MOUHAMAD

Há dez anos, quem transitava nas vias próximas à Rodoviária do Plano Piloto se deparava com o edifício vizinho entregue à própria sorte. O antigo Touring Club estava maltratado pelo tempo e à mercê da criminalidade. Em novembro de 2022, porém, veio a guinada. A obra projetada por Oscar Niemeyer ressurgiu do cinza para colorir o cruzamento dos Eixos de Brasília. Ali, nasceu o Sesi Lab, um corredor cultural, tecnológico, científico e artístico pronto para transmitir conhecimento e, por que não, ajudar a construir um novo futuro para a capital.

“O antigo Touring passou a abrigar um ambiente de produção de conhecimento, inovação e experiências, no qual cultura, educação e tecnologia se articulam

como vetores de desenvolvimento, em diálogo direto com os desafios da indústria, especialmente nas agendas de inovação, criatividade e formação de novas competências”, destaca Cláudia Ramalho, superintendente de Cultura do Sesi e uma das lideranças por trás do museu. “Mais do que reocupar um edifício, estruturamos um ecossistema vivo, capaz de gerar valor simbólico, social e econômico”, acrescenta.

No coração do Plano Piloto, a presença constante de programação, parcerias, formação e experimentação cria oportunidades para profissionais criativos, educadores, artistas e empreendedores. “Há algo profundamente potente e emocionante em ver um patrimônio da cidade se transformar em um espaço onde ideias circulam, conexões acontecem e a economia criativa se materializa no cotidiano. É a

cidade produzindo futuro a partir da sua própria identidade”, completa Cláudia.

Ponto de virada

A localização do Sesi Lab, por onde todos os dias circulam pessoas de diferentes realidades, é estratégica. “Ao mesmo tempo em que permite dialogar com a diversidade da cidade, impõe o desafio de romper as barreiras simbólicas que ainda afastam parte da população — especialmente do Entorno — dos equipamentos culturais”, observa a superintendente. Por isso, o Sesi Lab não se limita ao seu espaço físico, e promove ações itinerantes, parcerias com escolas e criação de uma programação dinâmica, pensada para variados públicos, repertórios e formas de acesso.

“Nossa missão é democratizar o conhecimento e aproximar as

pessoas da ciência, arte e tecnologia. Afinal, Brasília é mais do que um território: é uma ideia em permanente construção, marcada também por contrastes e distâncias, muitas vezes invisíveis”, avalia Cláudia. O ponto de virada para o sucesso aconteceu quando o local deixou de ser percebido apenas como um museu e passou a ser vivido como um espaço da cidade, integrado ao seu fluxo, à sua diversidade e ao seu cotidiano. Ali, passaram a ser construídas experiências plurais.

Por mês, cerca de 17 mil visitantes passam pelo museu e, desde seu funcionamento, o espaço já recebeu 691 mil pessoas. Cláudia Ramalho, especialista em gestão cultural, lembra que a programação qualificada, acessível e diversa do espaço ajuda a transformar a percepção sobre o Setor Cultural Sul e a Rodoviária. “O Sesi Lab é um

espaço vivo, que reflete a potência da capital e a pluralidade da sua população, consolidando-se como um ícone do novo ‘viver Brasília’: um lugar onde cultura, convivência e cidade se encontram de forma orgânica e transformadora”, resume.

Ousadia e inovação

A expectativa é de que, no futuro, o Sesi Lab seja reconhecido como um hub consolidado de inovação cultural e educacional no Brasil, conectando cultura, educação e indústria em uma agenda integrada de desenvolvimento, conforme pontua a superintendente de Cultura. O objetivo é transformar o espaço em uma plataforma de experiências, irradiando conhecimento para escolas, cidades e outros equipamentos culturais.

Para a nova geração de jovens criativos e curiosos da

capital, o conselho de Cláudia é experimentar. “O mundo precisa de pessoas capazes de conectar áreas diferentes e transformar ideias em soluções reais. Brasília tem uma vocação única para isso, pois é uma cidade que nasceu de um sonho coletivo. Aproveitem esse legado e construam novas possibilidades a partir dele”, orienta.

E, diante de uma arquitetura que traduz a ideia de futuro, ousadia e liberdade criativa, é no território do antigo edifício Touring que oficinas, mostras e eventos estimulam a imaginação e propõem novas formas de ver o mundo. “Assim como Niemeyer, acreditamos que o futuro se constrói com coragem para inovar. No Sesi Lab, mantemos viva a ideia de uma cidade que olha para frente, que experimenta e que se reinventa”, afirma Cláudia.

Meu encontro com Brasília

» CLARICE GONÇALVES

Brasiliências

Como muitos “brasilienses”, sou neta de nordestinos que vieram construir a cidade. As aspas na brasiliência se dão pela forma com que, historicamente, a cidade segregou e segregou os trabalhadores que a dão vida, diariamente, nos lembrando que não somos tão brasilienses assim, já que moramos nos arredores do Plano Piloto, mas distante de sua arquitetura mundialmente reconhecida e tombada, de sua arborização invejável e equipamentos culturais e transporte público funcional.

Para nós, dos arredores, o deslocamento para acessar a cidade maravilhosa é um dreno de tempo e recursos. O ápice da minha frequência ao Plano Piloto foi durante os anos de faculdade, ainda adolescente, dos 17 aos 20 e poucos anos, estudante de artes visuais da Unb em 2003. Naquela época, ainda não havia o metrôzinho de Brasília, e passava

muitas horas do meu dia e da vida entre esperas em paradas de ônibus e dentro de ônibus lotados, carregando materiais de arte, tintas, telas...

Era um chá de revelação de classe social chegar na UnB e ver meus colegas que moravam ali nas proximidades chegando de carro próprio. Assim que fui me alfabetizando de Brasília e suas siglas, W3, L2... Fui com os anos mapeando memórias afetivas nos seus gramados verdejantes e arquitetura concreta, decorando suas tesourinhas e setores de diversão.

É gostoso frequentar o Plano e revisitar fases da minha vida, da minha carreira, vidas ali, lugares que fiz exposições, restaurantes, árvores de estimulação! Infelizmente, não posso dizer o mesmo da cidade onde moro e onde cresci, Taguatinga, que a cada ano muda radicalmente: a arborização dentro da cidade é quase ausente, casas “antigas” são derrubadas e dão lugar a edifícios, altos, não os simpáticos blocos das asas do plano, que se mantêm baixos para respirarmos o céu. Parquinhos e praças, aqui,

Arquivo pessoal



somem, enferrujam, viram estacionamento.

Espaços culturais, como o finado Teatro da Praça onde fiz minhas primeiras apresentações em dança, segue fechado a anos! Onde tinha cinema, virou igreja. Onde tinha clube (Primavera) a especulação imobiliária engoliu. O Clube dos 200, virou igreja também, assim como a antiga escola onde terminei o ensino médio. O centro que era miniramente arborizado e pulsante, agora torra em concreto, grades e muito, muito

engarrafamento. A Flona, que frequentava desde a adolescência, agora tem que pagar caro pra entrar.

Eu amo Brasília, só queria que seus arredores recebessem o mesmo cuidado dos governos. Que o brasiliense do Plano Piloto e também o dos arredores saibam escolher quem governe com senso de coletividade, pensando no futuro dos nossos filhos e netos, que realmente cuidem das cidades e do bem-estar de quem vive e faz viver o plano piloto, que o transporte público, saúde e educação sejam prioridade, e não só a politicagem das empreiteiras de viadutos. O DF é, mais que tudo, o Cerrado.

O Cerrado é, para mim, uma grande avó, que me nutre profundamente com suas

estações afiadas, sua vegetação rebelde e seus sabores pungentes. É onde me deleito com araticum, pequi, buriti e ainda consigo ter acesso a um bom açaí, acarajé, feijão verde e manteiga da terra. Essa centralidade e multiplicidade que Brasília é e proporciona, são para mim, de uma riqueza gigantesca e impagável e vem de quem a construiu, a sua cultura, seus sabores e costumes, o Brasil inteiro está aqui, e isso é o que me faz e me fez permanecer nesse solo, mesmo com melhores oportunidades para minha carreira em outros estados.

Nem falar de nossas águas. Com tantos ataques ao bem comum e ao meio ambiente, me sinto na obrigação de usar meu talento para trazer reflexão e proteger nossos biomas. Que essa jovem Brasília daqui aos próximos aniversários se lembre que sua brasiliência é muito, muito mais do que o Plano Piloto, é Cerrado preservado e é também as cidades satélites e seu povo diverso a constelar esse planalto!

Clarice Gonçalves é artista plástica